

O QUE VAN DEN ENDEN, PROFESSOR DE ESPINOSA, TEM EM COMUM COM A LUTA DOS ESTUDANTES DA AMÉRICA LATINA?*

FERNANDO BONADIA DE OLIVEIRA **

INTRODUÇÃO

Minha intenção é aproveitar o convite do Centro Baruch Spinoza do Chile para tentar reunir em vinte minutos alguns aspectos de três temas que me foram propostos: a filosofia política de Espinosa, o campo da educação e a situação contemporânea das lutas na América Latina. Decidi-me por uma questão: o que Franciscus Van den Enden, conhecido nos círculos espinosanos como professor de Espinosa, tem em comum com a luta política dos estudantes latino-americanos na maneira de interpelar a educação?

Devem ficar surpresos com a pergunta os leitores de Espinosa que associam imediatamente a prática educativa do excêntrico Van den Enden ao uso do teatro como ferramenta de aprendizagem do latim. Muitos conhecem as inúmeras referências ao singular método de ensino por ele empregado para fazer com que os aprendizes (entre eles, Espinosa) se atentassem às sentenças latinas¹. Para além disso, a filosofia da educação vandenendiana – que não vou descrever em detalhes aqui – teve como especial ênfase o trabalho coletivo dos estudantes, a recusa a atribuir títulos e a defesa radical da igualdade de acesso ao conhecimento². Em minha pesquisa, ainda não está nítido em qual

sentido Espinosa e Van den Enden concordam no exame da questão educacional; há disputas entre os comentadores para saber se, em dimensões mais amplas, a influência do mestre sobre o discípulo foi maior ou menor do que a influência do discípulo sobre o mestre³.

Nada disso, contudo, discutirei neste encontro. Não me interessa descobrir se a filosofia política de Espinosa é ou não uma espécie de variante do *igualitarismo libertário* de seu mestre. Desejo mostrar – com base em três intérpretes da América Latina – como certa qualidade espinosana do pensamento de Van den Enden no século XVII convém com algumas lutas dos estudantes por educação no século XXI, em especial no Chile e no Brasil. Do comentário de Maurício Rocha e Daniel Nogueira, retirei as informações sobre a vida de Van den Enden e seu empenho pela promoção da educação; do comentário de Diego Tatián, extraí a aposta espinosana na “igualdade das inteligências”; e de Marilena Chaui, enfim, tomei o conceito de “discurso competente”⁴. A partir deles, tento responder a pergunta que me coloquei.

VAN DEN ENDEN

O extenso título do artigo de Maurício Rocha e Daniel Nogueira sobre Van den Enden já revela muito, por si mesmo, da complexidade deste personagem: “Franciscus Van den Enden (1602-1674) – ex-jesuíta, poeta, médico, comerciante de arte, filósofo e político, professor

³ Ver, por exemplo, Israel, Jonathan. *Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade (1650-1750)*. São Paulo: Madras, 2009, p. 207-209.

⁴ As referências completas dos três comentários: I) Rocha, Maurício; Nogueira, Daniel. Franciscus Van den Enden: ex-jesuíta, poeta, médico... In: *VI Colóquio Internacional Spinoza*, Córdoba, Argentina, 27-30 de Outubro de 2009, p. 1-12; II) Tatián, Diego. *Homo cogitat: la igualdad de las inteligencias*. In: *Spinoza dissidente*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2019, p. 93-112; III) Chaui, Marilena. A ocupação das escolas foi maio de 68. In: *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 417-419.

* Este texto foi preparado, a convite de Arturo Aliaga e Daniela Cápona (Centro Baruch Spinoza/Chile), para apresentação no Ciclo de Encontros Spinozistas “Pensar a América Latina a partir de Spinoza” no dia 15 de setembro de 2021. Decidi manter na versão escrita o tom oral e o caráter ensaístico da proposta.

** Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/Brasil).

¹ Ver, por exemplo, Nadler, Steven. *Spinoza – a life*. New York: Cambridge University Press, 1999, p. 110; Proietti, Omero. “Le Philedonius de Franciscus Van den Enden et la formation rhétorique-littéraire de Spinoza (1656-1658)”. *Cahiers Spinoza*, n. 6, 1991.

² Van den Enden, Franciscus. *Libertad política y estado o Proposiciones políticas libres y consideraciones de estado*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2010, p. 59-61.

de Spinoza, encenador de comédias latinas, conspirador contra Luís XIV..”. As reticências presentes no final do título já indiciam que as diversas facetas deste senhor não acabam nesta frase. A leitura dos escritos políticos por ele deixados prova que seu pensamento sustentava a defesa radical da igualdade social. Assim como Espinosa, toda sua política se fundamentava na noção de auxílio mútuo, isto é, na convicção de que a vida em sociedade não nasce pelo medo da morte, nem pela imposição de um poder comum sobre os cidadãos, mas por meio da descoberta da potência do comum, ou seja, da descoberta dos ganhos da associação das forças produtivas no cultivo de uma vida livre para todo mundo⁵. Crítico impetuoso da escravidão e da monarquia, a obra do professor de Espinosa atesta profundo anticlericalismo. Já dissemos que Van den Enden era contra a educação meritocrática e incentivava o aprendizado ativo e coletivo, sem privilégios sociais; além disso, ele propunha a educação como forma de fazer oposição à superstição, e não temia em dizer que o ensino da língua pátria, na qual deveria transcorrer o ensino mais avançado, precisava ser concedido gratuitamente.

Como nosso tempo é curto, limito-me a explicar uma só dimensão das opiniões educacionais de Van den Enden, a saber, a concepção segundo a qual o ensino de Medicina, Direito, Ciências, Filosofia e Teologia deveria ser acessível ao todo da sociedade. Sobre isso, recorro a quatro linhas do precioso comentário de Rocha e Nogueira:

Uma das preocupações da filosofia revolucionária de Van den Enden era suprimir os domínios chave do saber [a Medicina, o Direito, as Ciências, a Filosofia e a Teologia] das mãos da elite fechada dos supostos especialistas, verdadeiros charlatães que empregam a terminologia obscura e o latim para erigir barricadas intransponíveis à circulação do conhecimento, tirando proveito desse controle exclusivo⁶.

Notem bem: o objetivo de Van den Enden era retirar os campos principais do conhecimento das mãos dos dominantes (as plutocracias) e dos falsos especialistas, que se valiam da condi-

ção de que desfrutavam para obter o controle exclusivo dos saberes. Segundo ele, a alternativa para o ensino da Medicina, por exemplo, ocorreria em consonância com o que Espinosa reivindicou ser o sistema de educação de uma *Libera Republica* (no final do capítulo 8 do *Tratado Político*): o sistema que concede autorização, a quem quer que a solicite, para ensinar por conta própria e arriscando a fama como professor. Desse modo, os engenhos seriam livremente cultivados, e não autoritariamente cerceados, como ocorria nas academias europeias formalmente instituídas naquele tempo⁷.

A IGUALDADE DAS INTELIGÊNCIAS

No livro *Spinoza Dissidente*, Diego Tatián escreve um belíssimo ensaio intitulado “*Homo cogitat – la igualdad de las inteligencias*”. A expressão latina “*homo cogitat*” (em português, “o homem pensa”) é o segundo axioma da parte II da *Ética*, e surge como uma determinação, isto é, sob a forma de um imperativo. Apesar disso, por se articular a uma filosofia fundada nas noções comuns, este axioma se circunscreve em uma obra que não somente reconhece a igualdade das inteligências – de todas as inteligências singulares – mas também “abre la historia a um trabajo por la concreción de la igualdad de las inteligencias”, em compasso com aquilo que, a seu modo, Matheron chamou de comunismo espinosano das mentes (*communisme des esprits*)⁸.

No entendimento de Tatián, o ser humano delineado por Espinosa é afirmado como “ser-pensamento”, e não exatamente como “ser pensante”. Há entre um ser-pensamento (de um indivíduo) e outro ser-pensamento (de outro indivíduo), uma igualdade e uma comunidade que não se confundem à equivalência de potências de pensar ou à identidade absoluta dos diversos “seres-pensamentos”, mas se realiza como uma *potência comum* de pensar. Nessa perspectiva, o pensamento só pode ser diferenciado em virtude de algo exterior a ele. Segundo Tatián, na filosofia espinosana, as inteligências todas po-

7 Sobre os comentários existentes em torno do parágrafo 49 do oitavo capítulo do *Tratado Político*, ver: Oliveira, Fernando Bonadia. Espinosa e a liberdade de ensinar. *Proposições*. Campinas, v. 21, n. 61, p. 197-212, jan./abr. 2010; Oliveira, Fernando Bonadia. O espinosismo é uma forma de educação libertária? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, 2019, p. 1-17.

8 Tatián, *Homo cogitat...*, p. 91.

deriam o mesmo *quantum* se essa exterioridade se reconfigurasse⁹.

Menos de quatro linhas de Tatián são suficientes para encerrar essa menção à “igualdade das inteligências”, um princípio que, no meu ponto de vista, concorda em termos gerais com a prática do *igualitarismo libertário* de Van den Enden aplicado à educação: “Las pasiones de superioridad, de exclusividad y de distinción – promovidas por el “discurso competente” y la representación meritocratica de la sociabilidad humana – encuentran en una pedagogía de inspiración spinozista su desactivación [...]”¹⁰.

O DISCURSO COMPETENTE

O fragmento de Tatián acima citado alude à noção de “discurso competente”, ou seja, à obra de Marilena Chaui. O discurso competente estabelece que “não é qualquer um que tem o direito de dizer alguma coisa a qualquer outro em qualquer lugar e em qualquer circunstância”; em outras palavras, é o discurso do especialista, situado no cume de determinada “hierarquia organizacional”. Tal gênero de discurso veicula a ideologia da competência pela qual se define com anterioridade quem tem poder porque sabe, e quem não tem poder porque não sabe¹¹.

A ação do especialista, manifesta ideologicamente, aponta de antemão o que é ser competente e o que é ser incompetente. A ideologia da competência cria a *inversão* segundo a qual quanto mais distante do trabalho (concebido como atividade de transformação da natureza) tanto mais autorizado é o discurso sobre o próprio trabalho. O mais autorizado a falar sobre a atividade do montador de automóveis, por exemplo, é o gerente, porque está amparado pelo pensamento tecnocientífico. O mais autorizado a falar sobre a aprendizagem e o trabalho de ensinar é o administrador da escola ou o administrador do sistema de ensino, e assim por diante¹².

Nunca é demais recordar que a autora não se opõe, com essa definição, à competência encarada como virtude efetiva de uma pessoa. Não obstante, o especialista ou – no dizer de Rocha e Nogueira – o “suposto especialista” é a figura que encarna a imagem típica do discurso competen-

te. Enobrecido pelo título de doutor, o indivíduo especializado é o elemento cuja inteligência se destaca do comum das inteligências, e sobre elas passa a imperar por superioridade; ele é produto e resultado dessa exterioridade que, segundo Tatián, diferencia as potências de pensar.

Em suma, o discurso competente se manifesta justamente no oposto daquilo que, para Chaui, significou a ocupação das escolas por estudantes em São Paulo no ano de 2015. Em entrevista concedida em 2016, ela assinala que ao longo das ocupações paulistanas, a mídia chamava somente *especialistas* para falar sobre o assunto, jamais *estudantes* e *docentes*. Com isso, ninguém conseguia compreender, de fato, o que se passava nas ocupações. Porém, independentemente disso, como a autora bem adverte¹³, estudantes e docentes foram capazes de comunicar à sociedade, por outras vias, que a escola era o lugar deles e delas¹⁴.

ESTUDANTES DA AMÉRICA LATINA

Estudantes do Brasil aprenderam a ocupar escolas com estudantes do Chile e da Argentina. O manual que serviu de referência para as ocupações de escolas em São Paulo em 2015 (e no Brasil todo em 2016) se intitula *Como ocupar um colégio?*, e não passa de uma tradução dos manuais do Chile e da Argentina. Facilmente qualquer um pode encontrá-lo na internet. Logo no início do manual, sobre as assembleias, afirma-se: “É importante que se incentive a participação de todos os estudantes e não só dos mais experientes”¹⁵. O princípio da igualdade das inteligências que identificamos na *Ética* de Espinosa (e que encontramos na escola de Van den Enden) era, nessa perspectiva, solenemente respeitado. Entretanto, não há apenas esta concordância. Os estudantes chilenos e os estudantes brasileiros lutaram em suas ocupações contra esse elemento da exterioridade que cria as assimetrias do pensamento e

13 Chaui, A ocupação das escolas foi maio de 68, p. 419.

14 A propósito, foi com o lema “a escola é nossa” que se deu uma das principais ocupações paulistanas. Ver, sobre isso, as cenas da ocupação da Escola Estadual Fernão Dias Paes no documentário *A escola é nossa!* (edição dos próprios integrantes do movimento, 2015). Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x7xg4a4> Acesso: 06.09.2021.

15 Ver *Como ocupar um colégio* (Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e do Chile), p. 3. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf> Acesso: 06.09.2021.

9 Tatián, *Homo cogitat...*, p. 94.

10 Tatián, *Homo cogitat...*, p. 109.

11 Chaui, Marilena. A ideologia da competência. In: *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 56-57.

12 Chaui, A ideologia da competência, p. 57.

que se impõe pela lógica da administração racional da escola, pressupondo, enfim, um discurso competente, aquele que impede, nas palavras de Tatián, a concreção ou concretização da igualdade das inteligências.

Em 2015, os estudantes do Brasil resolveram ocupar as escolas depois que o então Governador de São Paulo, Geraldo Alkmin, determinou autoritariamente o fechamento de várias unidades escolares do Estado com a justificativa de economizar gastos e alcançar uma administração racional de feição neoliberal¹⁶. As ocupações se iniciaram depois de uma série de reivindicações não atendidas (ou sequer ouvidas) pelas autoridades políticas¹⁷. Antes, no Chile, a reivindicação dos estudantes se voltou – principalmente – em favor de políticas verdadeiramente públicas para a educação¹⁸, contra a lógica neoliberal que instituiu programas como o “financiamento compartilhado” (*financiamento compartido*), que consiste na “liberdade das escolas subvencionadas de cobrar mensalidades às famílias”¹⁹.

Em virtude das razões apontadas, penso que Van den Enden tem muito em comum com a luta estudantil na América Latina: 1) a defesa do acesso generalizado aos meios educacionais, 2) a negação do privatismo que faz da educação um privilégio, 3) o questionamento da educação mercadológica ou – o que dá no mesmo – da educação meritocrática, e 4) a insistência inabalável na força da igualdade das inteligências contra a imposição unilateral do discurso competente, proferido atualmente por políticos neoliberais, empresarialistas, plutocratas, reformistas e autoritários que, com estratégias cada vez mais sádicas, vivem de cercear o acesso ao livre desenvolvimento das ciências e das artes.



16 O governador do Estado de São Paulo tomava o plano de *fechamento* de escolas pelo nome “reorganização”.

17 Para não citar uma longa lista de trabalhos sobre o caso brasileiro, recomendo assistir ao documentário sobre o tema, *Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile* (Carlos Pronzato, 2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw> Acesso: 06.09.2021.

18 Zibas, Dagmar. “A Revolta dos Pinguins” e o novo pacto educacional chileno. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008, p. 201-202.

19 A política de financiamento compartilhado é “uma das principais causas da profunda segmentação educacional existente no Chile”. Zibas, A Revolta dos Pinguins, p. 205.